



ORACULA 5.9 (2009)
ISSN: 1807-8222

SALMO 89

Crise e quebra dinástica como anti-cosmogonia

Oswaldo Luiz Ribeiro*

Resumo

O artigo interpreta o Sl 89 como súplica de um desalentado rei diante de grave crise dinástica davídica. O rei encontra-se destronado (B') e sem descendentes (A'), apesar do juramento ritual de Yahweh (A), que, nos termos da tradição mítico-cosmogônica próximo-oriental, nesse caso, israelita/judaíta (B), legitima a monarquia davídica como réplica da realeza celestial do deus cosmogônico (X). O juramento ritual fazia ao rei e ao povo saber que a “fidelidade” e a “lealdade” de Yahweh garantiriam a perpetuidade da dinastia – respectivamente da “criação”. O destronamento da realeza (B') constitui, já, em si, uma anti-cosmogonia (B x B'). Mas uma tragédia ainda maior se avizinha – o rei está próximo da morte, e não tem descendente (A'). Eis a angústia das angústias: onde foram parar as antigas lealdades de Yahweh, que ele, na sua fidelidade, jurara a David (A x A')?

Palavras-chave: Cosmogonia; criação; entronamento; rei; dinastia; Sl 89.

Abstract

The article interprets the Psa 89 as a supplication of a dispirited king before serious Davidic dynastic crisis. The king is uncrowned (B') and without children (A'), despite the ritual oath of Yahweh (A), which according to near-east mythical-cosmogonic tradition, in this case, Israelite/Jewish (B), legitimizes the Davidic monarchy as replica of heavenly

* Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Mestre e graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Professor de Hermenêutica, Epistemologia e Fenomenologia da Religião. Endereço eletrônico: osvaldo@ouviroevento.pro.br.

royalty of the cosmogonic god (X). The ritual makes the king and the people to know that the “faithfulness” and “loyalty” of Yahweh ensure the perpetuity of the dynasty – respectively of the “creation”. The dethronement of royalty (B) is already in itself an anti-cosmogony (B x B’). But an even greater tragedy is just around the corner – the king is near death, and has no offspring (A’). That is the anguish of distress: where did all the old loyalties of Yahweh that he in his fidelity had sworn to David (A x A’)?

Keywords: Cosmogony; creation; enthronement; king; dynasty; Psa 89.

Tradução

¹Maskil de ’Iteram, o ezraíta.

A

^{2a}As lealdades de Yahweh perpetuamente cantarei,

^{2b}de geração em geração anunciarei a tua fidelidade com a minha boca.

^{3a}Sim, eu disse: “perpetuamente a lealdade está construída

^{3b}– os céus, estabeleceste a tua fidelidade neles”.

^{4a}“Cortei uma aliança com o meu escolhido,

^{4b}jurei a David, meu servo:

^{5a}para sempre, estabecerei a tua semente,

^{5b}e construirei, de geração em geração, o teu trono”.

Selá.

B

^{6a}E louvarão os céus a tua maravilha, Yahweh,

^{6b}e a tua fidelidade, na congregação dos santos.

^{7a}Por que quem, sobre a nuvem, é comparável a Yahweh?

^{7b}Semelhante a Yahweh, entre os Bünê-’élím?

^{8a}El é temido no conselho dos santos,

^{8b}grande e terrível sobre a totalidade do redor dele.

^{9a}Yahweh, Deus dos Exércitos – quem é como tu?

Forte é Yah, e a tua fidelidade está ao redor de ti.

^{10a}Tu é quem dominas o soerguimento do mar,
^{10b}no levantarem-se as ondas dele, tu as aquietas.
^{11a}Tu é quem esmagaste, como à carcaça, Rahab,
^{11b}com o braço da tua força espalhaste os teus inimigos.
^{12a}Teus são os céus, e tua é a terra,
^{12b}o orbe e a plenitude dele tu os alicerçaste.
^{13a}Norte e Sul tu os cortaste,
^{13b}Tabor e Hermon ao teu nome jubilam.
^{14a}Tu tens um braço com poder,
^{14b}forte é a tua mão, levantada está a sua destra.
^{15a}Justiça e Direito são a fundação do teu trono,
^{15b}Lealdade e Verdade guardam as tuas faces.
^{16a}As felicidades do povo é experimentarem a clarinada!
^{16b}Yahweh – na luz das tuas faces andarão.
^{17a}No teu nome regozijar-se-ão todo o dia,
^{17b}e na tua justiça levantar-se-ão.
^{18a}Porque o orgulho da sua força és tu,
^{18b}e pelo teu favor levantará o nosso chifre.
^{19a}Porque de Yahweh é o nosso escudo,
^{19b}e do Santo de Israel, o nosso rei.

X

^{20a}Outrora, falaste em visão aos teus leais,
^{20ba}dizendo: “instalei a minha ajuda sobre o valente,
^{20bb1}levantei um escolhido dentre o povo.
^{21a}Encontrei David, o meu servo –
^{21b}com o óleo de minha santidade eu o ungi –
^{22a}com quem a minha mão estará estabelecida,
^{22b}e a quem o meu braço firmará.
^{23a}Não o acossará o inimigo,
^{23b}nem o filho da maldade o afligirá.
^{24a}Esmagarei diante das faces dele os seus agressores,
^{24b}e os que o odeiam golpearei.
^{25a}A minha fidelidade e a minha lealdade estarão com ele,

^{25b}e no meu nome levantar-se-á o seu chifre.
^{26a}Manterei sobre o mar a mão dele,
^{26b}e sobre as torrentes a sua direita.
^{27a}Ele mesmo me invocará: ‘meu pai és tu,
^{27b}meu deus e rocha da minha salvação’.
^{28a}E eu – primogênito o colocarei,
^{28b}elevadíssimo entre os reis da terra.
^{29a}Para sempre conservar-lhe-ei a minha lealdade,
^{29b}e a minha aliança será confirmada com ele.
^{30a}E manterei para sempre a semente dele,
^{30b}e o trono dele será como os dias dos céus.
^{31a}Se deixarem os filhos dele a minha lei,
^{31b}e nos meus direitos não andarem,
^{32a}se os meus estatutos eles violarem,
^{32b}e os meus mandamentos não guardarem,
^{33a}então visitarei com vara a transgressão deles,
^{33b}e com açoites, a sua iniquidade,
^{34a}mas a minha lealdade não retirarei de junto dele,
^{34b}e não desmentirei a minha fidelidade.
^{35a}Não quebrarei a minha aliança,
^{35b}e o que sai dos meus lábios não mudarei.
^{36a}Já jurei por minha santidade
^{36b}– a David não mentirei.
^{37a}A semente dele para sempre permanecerá,
^{37b}e o trono dele, como o sol diante de mim.
^{38a}Como a lua, será estabelecido perpetuamente,
^{38b}e na nuvem ele será confirmado.

Selá.

B’

^{39a}Mas tu rejeitaste e repudiaste.
^{39b}Indignaste-te contra o teu ungido.
^{40a}Rejeitaste a aliança do teu servo,
^{40b}quebraste, na terra, a sua coroa.

^{41a}Derrubaste todas as suas muralhas,
^{41b}mantiveste suas fortificações em ruína.
^{42a}Saqueiam-no todos os passantes do caminho,
^{42b}serve de escárnio aos transeuntes.
^{43a}Levantaste a destra dos seus agressores,
^{43b}e fizeste regozijar todos os seus inimigos.
^{44a}Dobrade a folha de sua espada,
^{44b}e não o sustentaste na batalha.
^{45a}Destituíste-o do seu esplendor,
^{45b}e o seu trono, na terra, derrubaste.
^{46a}Encurtaste os dias da sua mocidade,
^{46b}cobriste-o de vergonha.

Selá.

A'

^{47a}Até quando, Yahweh, esconder-te-ás?
^{47b}Perpetuamente, queimará como fogo a tua ira?
^{48a}Recorda-te de mim – quantos dias?
^{48b}Sobre que mentira criaste todos os Bünê-´ädäm?
^{49a}Que valente viverá e não verá a morte?
^{49b}Livrará a sua garganta da mão do Sheol?

Selá.

^{50a}Onde estão as tuas antigas lealdades, Adonay
^{50b}– que juraste a David na tua fidelidade?
^{51a}Lembra-te, Adonay, do escárnio dos teus servos
^{51b}– carrego no colo todos essas numerosas gentes.
^{52a}Porque afrontaram os teus inimigos, Yahweh,
^{52b}afrontaram os passos do teu ungido.

⁵³Bendito seja Yahweh para sempre.

Amém e amém.

Relações internas das cinco seções do Sl 89

Ainda que se estruture na forma de quiasmo (A – B – X – B' – A)¹, o relativo distanciamento cultural da imagética retórica que constitui o Sl 89 impõe uma aproximação metodológica de cada parte da estrutura. Aí, caminha-se, em termos metodológicos, exegética, fenomenológica e histórico-socialmente. A tentativa é “ouvir” a súplica real a partir de seu próprio quadro de referência.

Relações internas da primeira seção – v. 2-5

Sl 89,2-5 forma uma estrutura coerente. Há, aí, três seções muito bem delineadas: A (v. 2-3), B (v. 4) e C (v. 5). O tema de A é a “cosmogonia”, o tema de B é a “aliança”, e o tema de C é a “dinastia” (cf. quadro 1). O tema “aliança”, de B, funciona como uma dobradiça, articulando, entre si, as seções A e C (cf. quadro 2).

Os termos-chave de A são “lealdade” e “fidelidade”, “estabelecer” e “construir”, e “perpetuamente” e “de geração em geração”. O estíquio 3a reúne representantes das três séries: “perpetuamente, a lealdade está construída”. Os termos-chave de C são “semente” e “trono”, “estabelecer” e “construir”, e “para sempre” e “de geração em geração”. Dois deles, logo se vê, desdobram-se desde A – “estabelecer/construir” e “para sempre/perpetuamente (‘ôlām/‘ad-‘ôlām). A série “semente/trono”, de C, desdobra-se a partir de B, onde o tema “aliança”.

Quadro 1 – Sl 89,2-5 (A, B e C)

cosmogonia	A	2a	Cantarei perpetuamente as lealdades de Yahweh.
		2b	Anunciarei com a minha boca, de geração a geração, a tua fidelidade .
		3a	Sim, eu disse: “perpetuamente, a lealdade está <u>construída</u> ”

¹ Para a história da pesquisa do Sl 89, cf. MARTTILA, *Collective Reinterpretation in the Psalms*, p. 136-144. A favor da unidade do salmo, pressuposta no presente artigo, cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*, p. 1308 e Michael EMMENDÖRFFER. *Der ferne Gott. Eine Untersuchung der alttestamentlichen Volksklagelieder vor dem Hintergrund der mesopotamischen Literatur*. Mohr Siebeck: Tübingen, 1998, *apud* MARTTILA, *op. cit.*, p. 137-139). Contra o pressuposto da unidade redacional, cf. ANDERSON, *Out of the depths: The Psalms Speak for Us Today*, p. 85, que considera apenas os v. 5-18 como originalmente pertencentes ao salmo. O arrazoado de Alonso-Schökel, contudo, parece-me acertado: “num momento trágico para o rei e a dinastia, alguém compõe uma súplica na qual recorda o passado como contraste e motivação”. A impressão de Anderson, que Alonso-Schökel supera, poderia, eventualmente, ser “explicada” pela tese, plausível, de Mowinckel de que o redator/autor do salmo teria incluído fragmentos de outro salmo (v. 2-4, 6-19 provavelmente derivado do Norte [cf. MOWINCKEL, *The Psalms In Israel's Worship*, p. 152]). Já Timo Veijola aposta que o salmo está dividido em três partes, cada qual proveniente de autores e épocas diferentes (cf. Timo VEIJOLA. *Verheißung in der Krise. Studien zur Literatur und Theologie der Exilszeit anhand des 89. Psalms*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia 1982, p. 34-35, *apud* MARTTILA. *Collective Reinterpretation in the Psalms*, p. 137). Para os argumentos, cf. MARTTILA, *op. cit.*, p. 136-144.

		3b	Os céus – <u>estabeleceste</u> a tua fidelidade neles”.
aliança	B	4a	“Fiz uma <i>aliança</i> com meu <i>eleito</i> ,
		4b	e <i>jurei</i> a <i>David</i> , meu <i>servo</i> :
dinastia	C	5a	‘para sempre <u>estabelecerei</u> a tua <i>semente</i> ,
		5b	e de geração em geração <u>construirei</u> o teu <i>trono</i> ”.

Quadro 2 – interconexão entre os temas “cosmogonia”, “aliança” e “dinastia”

cosmogonia v. 2-3	cosmogonia v. 2-3	
aliança v. 4	aliança v. 4	aliança v. 4
	dinastia v. 5	dinastia v. 5

Os verbos “estabelecer” e “construir” cumprem um papel importante na retórica imagética do Sl 89,2-5. Diz-se que a “lealdade está construída” (v. 3a²), ao mesmo tempo em que se afirma que “construirei o teu trono” (v. 5b). Diz-se que a “tua fidelidade” está “estabelecida” nos “céus” (v. 3b), assim como se afirma que “para sempre estabelecerei a tua semente” (v. 5a). O intercâmbio é programático, como se pode deprender, visualmente, do Quadro 3.

O v. 4 informa que se trata da aliança entre Yahweh e o rei, “eleito” (*bāhîr*) de Yahweh. A “aliança” implica em um “juramento” a “David”. O juramento consiste na perpetuidade da “semente” real (= dinastia) no trono. A fórmula do juramento – expresso no v. 5 – utiliza os mesmos verbos, “estabelecer” e “construir”, do v. 3:

- 3a Perpetuamente, a lealdade está construída [nos céus]
 3b [Perpetuamente] a tua fidelidade estabeleceste nos céus
 5a Para sempre estabelecerei a tua semente
 5b De geração em geração construirei o teu trono

A “cosmogonia” e a “dinastia” podem ser retoricamente referidas por meio dos

² Cf. KEEL, *The Symbolism of the Biblical World*, p. 27, fig. 19.

mesmos verbos – e isso porque os dois temas são, em termos fenomenológico-religiosos, e consoante o regime político-religioso próximo-oriental, intercambiáveis. A “cosmogonia” – aí – não constitui nem um tema “metafísico/ontológico” nem um tema “científico/astrofísico”. Cosmogonia, aí, constitui um termo de designação da tradição mítica e simpática da descrição da emergência da abóbada civilizatória dessa ou daquela sociedade, constituída, necessariamente, pela cidade (instalações), pelo rei (ordem) e pelo povo (habitantes). Há, assim, tantas “cosmogonias” quantos deuses houver e “cidades” (civilizações), e reis (dinastias) e povos. Por isso o juramento de Yahweh pode tratar a “semente real” e o “trono” como desdobramentos da “cosmogonia” – porque se trata da mesma coisa – o trono real é o fundamento político da criação. Como bem parece ter bem assegurado J. S. Croatto, o mito descreve, ao inverso, a realidade das coisas históricas, projetando-as em si como se ele próprio as sobredeterminasse, quando, a rigor, é a própria sociedade quem engendrou o mito e projetou-se dentro dele³. Mas, como tal operação se dá por conta do recurso à fundamentação retórica (político-religiosa, mágico-simpática e mítico-traditiva) da “realidade”, o resultado consiste num mito que, nos seus termos, assegura essa “realidade” que (se) legitima (nele).

Quadro 3 – intercâmbio de termos entre A, B e C

	Criação	Dinastia
Temas propriamente dinásticos		
ḥesed	^{3a} Sim, eu disse: “perpetuamente, a lealdade está construída.	^{2a} As lealdades de Yahweh perpetuamente cantarei.
ʾēmūnā ^h	^{3b} Os céus – estabeleceste a tua fidelidade neles”.	^{2b} De geração a geração, anunciarei a tua fidelidade com a minha boca.
^{4a} “Fiz uma aliança com meu eleito, ^{4b} e jurei a David, meu servo:		
bnh	^{3a} “Sim, eu disse: “perpetuamente, a lealdade está construída .	^{5b} e construirei de geração em geração o teu trono”.
kwn	^{3b} Os céus – estabeleceste a tua	^{5a} Para sempre estabelecerei a tua

³ Cf. CROATTO, *As Linguagens da Experiência Religiosa*, p. 301-302.

	fidelidade neles”.	semente,
Temas propriamente cosmogônicos		
	Criação	Dinastia

Nesse sentido, o v. 2 abre a seção, bem como o salmo, declarando que, perpetuamente, se cantarão – isto é, pelo “rei” ou por um (dos) oráculo(s) da coroa (cf. v. 20) – as lealdades e a fidelidade de Yahweh, construídas e estabelecidas nos céus. Isso significa que o rei assegura a sua convicção de perpetuidade da dinastia, tema, contudo, que apenas aparece, explicitamente, nos v. 4 e 5. Por sua vez, os v. 3 e 5 parecem trazer à memória declarações programáticas – rituais – do rei (v. 3) e de Yahweh (v. 5), pronunciadas durante a cerimônia de coroação (cf. Sl 2,7-9). Yahweh proclama(ra) o juramento de manter a dinastia no trono, ao que o rei responde asseverando a sua confiança no juramento, transportando-o, nesse caso, para o ambiente de seu regime mítico-traditivo – a cosmogonia (v. 2-3). Quando o rei assume o trono, o “mundo” é “criado”.⁴ Trono e cosmogonia são construídos pelo mesmo gesto ritual de Yahweh⁵.

A coroação constitui um acontecimento de superação do “caos”. Por um momento, não havia rei, logo, “ordem”, logo, “criação”. Mesmo se lá estivessem a cidade e o povo, sem rei não há “criação”. Por isso a entronização tem por base ritual a cosmogonia – porque a figura do rei é o fundamento político da “criação”. Permita-se um citado, relacionado a determinado ritual de coroação indiano – o *rājasūya*:

A terceira fase do *rājasūya* compreendia uma série de ritos, cujo simbolismo cosmogônico é amplamente sublinhado pelos textos. O rei ergue os braços, simbolizando assim a elevação do *axis mundi*. Quando recebe a unção, o rei permanece de pé sobre o trono, de braços levantados, encarnando o eixo cósmico fixado no umbigo da Terra – ou seja, o trono, o Centro do Mundo –

⁴ Para a relação temática entre “entronização” e “cosmogonia”, cf. ELIADE, *Aspectos do Mito*, p. 39-50, particularmente as seções “Entronização e cosmogonia” (p. 39-40) e “Ano novo e cosmogonia no Próximo Oriente antigo” (p. 45-47).

⁵ Para uma leitura cúlculo-ritual do Sl 89, cf. TERRIEN, *The Psalms*, p. 631-639, conquanto o presente artigo não acompanhe o “contexto” litúrgico então pressuposto.

que atinge o Céu. A aspersão relaciona-se com as Águas que descem do Céu, ao longo do *axis mundi* – ou seja, o Rei – a fim de fertilizar a Terra⁶.

Nos termos do ritual indiano, o trono está ligado ao céu por meio do tema da cosmogonia. Da mesma forma, no Sl 89,2-5, o “trono” e os “céus” estão relacionados pela mesma temática – “construir/estabelecer” = cosmogonia. No centro dela, a “aliança” – o rei é rei de Yahweh, rei do povo de Yahweh, do povo que Yahweh criou – da cosmogonia de Yahweh.

Relações internas da segunda seção – v. 6-19

Os v. 6-8 constituem uma unidade temática. “⁶Os céus louvarão a tua maravilha, Yahweh, e na congregação dos santos [louvarão] a tua fidelidade. ⁷Porque, sobre a nuvem, quem é comparável a Yahweh? ⁸Quem é semelhante a Yahweh entre os *bənê-ʿēlīm*. El é temido no conselho dos santos – grande e terrível sobre todos a seu redor”. A unidade temática constrói-se por meio da referência ao ambiente e aos personagens da corte celeste de Yahweh – o ambiente: “céus” e “(sobre a) nuvem”, e os personagens: “congregação dos santos”, “*bənê-ʿēlīm*”, “conselho dos santos” e “todos a seu redor”. A imagética empregada sugere que Yahweh e El, aí, constituam a mesma divindade – El nos v. 7, 8 e 27, e também, Yah e “Deus dos Exércitos” (*ʿēlōhē šəbāʾōt*) no v. 9. Assim, Yahweh possui, nos céus, sobre a nuvem, a sua corte – os *bənê ʿēlīm*, congregação e conselho dos santos, que se encontram à sua volta, imagem equivalente à de 2 Re 22,19-22.

O que, nos céus, a congregação dos santos louva, é “a tua maravilha” e “a tua fidelidade”. “Maravilha” e “fidelidade” remontam tanto à cosmogonia, quanto à dinastia, temas que são desdobrados na seqüência da seção – v. 9-19. Trata-se da “criação” (v. 9-13), respectivamente, do trono de Yahweh (v. 14-15), ambos culminando no trono do rei (v. 16-19⁷). A seção fora aberta ao som das vozes da corte de Yahweh (v. 6-8), que louva o poder “criador” (v. 9-13) do seu rei celeste (v. 14-15), e é fechada pelo som das vozes de regozijo do povo diante do trono do rei (v. 16-19). As estações são claras – Yahweh e sua maravilha/fidelidade – a “criação”, maravilha cosmogônica – a realeza de Yahweh – a entronização do rei. Cosmogonia → Dinastia.

⁶ Cf. ELIADE, . *Aspectos do Mito*, p. 39. Para detalhes sobre o ritual *rajasūya*, cf. HEESTERMAN, *The Ancient Indian Royal Consecration*, 1957; ROSTER, *Playing With Tradition*, 2001.

⁷ Cf. KELL, *The Symbolism of the Biblical World*, p. 113-176.

Yahweh/”Deus dos Exércitos/Yah – quem é como ele? Abre-se, aqui, um “motivo” cosmogônico⁸. Os v. 10-11 recordam-se da “antiga” batalha entre Yahweh e **rāhab**⁹. Quatro termos representam o “dragão” e suas forças militares – Mar (**yām**), as ondas do Mar, **rāhab** e “teus inimigos” – ou seja, **rāhab/yām**, o “dragão”, general do exército das águas, e estas, “as ondas de **yām**, os seus “guerreiros”, “inimigos” de Yahweh (cf. Jó 26,12-13; Is 27,1). Os verbos aplicados à ação de Yahweh sobre **rāhab/yām** denunciam o caráter agonístico da cosmogonia – as ondas se levantam, Yahweh as aquietam; Yahweh espalha (os corpos) dos seus inimigos; Yahweh “domina” **yām**; Yahweh “esmagou” (**ḥll** – “quebrar”) **rāhab**. Por isso se pode dizer que “forte é Yah” (v. 9b).

O resultado da batalha cosmogônica é sempre o mesmo – a divindade “corta”, “constrói”, “cria” o (seu) mundo (particular). Yahweh venceu **rāhab/yām**, o que significa, que, agora, ele pode “cortar” (**br**³ – “cortar”, “esculpir”, “construir”, “criar”) o Norte e o Sul (v. 13a). Yahweh pode, agora, cortar/construir/criar “os céus”, de um lado, e de outro, a terra (v. 12a). A terra, aí, significa a plataforma sólida sobre a qual a cidade se ergue – “orbe”¹⁰. Esse orbe e tudo o que está nele, Yahweh os “fundou/alicerceu” (**ysd** – “fundar” [cidades, cf. Ex 9,18; Js 6,26; edificações, cf. 1 Re 5,31 e 6,37, “o templo de Salomão”; a “terra” cosmogônica, cf. Jó 38,4]).

A cosmogonia representa, para a divindade, a “construção” de dois “tronos” – o seu e o de seu rei. O seu, nos “céus” – o de seu rei, no “orbe”. Por conseguinte, após a primeira – “louvor cosmogônico na corte de Yahweh” (v. 6-8) – a segunda cena faz referência à “maravilha” “cortada/construída/criada” por Yahweh (v. 9-13), seguindo-se, agora, com naturalidade, a descrição não apenas do trono de Yahweh, mas de Yahweh como “rei cosmogônico”, sustentando com seu braço e sua mão a força de sua maravilha. Descreve-se o trono de Yahweh – “Justiça” e “Direito” são a sua fundação. Também Alonso-Schökel reconhece nos v. 14-15 a descrição do trono celeste de Yahweh, um trono “que vai montado sobre duas figuras personificadas (como os animais fantásticos dos tronos orientais); ao passo que outras duas personificações fazem a guarda ou abrem

⁸ Para o “motivo” das disputas cosmogônicas, cf. HUIZINGA, *Homo Ludens*, p. 128-129; RIBEIRO, *Como que pelos chifres*, 2005.

⁹ Cf. KEEL, *The Symbolism of the Biblical World*, p. 46-55.

¹⁰ *Idem*, p. 15-60.

caminho”¹¹. Entronizado, Yahweh tem o braço erguido (v. 14) – é disso que depende a perpetuidade da “criação”. Por isso, assevera-se que o braço de Yahweh é poderoso e forte é a sua mão, de modo que a sua destra, levantada, poderá permanecer assim por longo tempo.

Se, nos céus, lá está o trono de Yahweh, e, se, lá, o rei cosmogônico tem seu braço erguido, cá embaixo, no “orbe”, o rei de Yahweh – “nosso rei” (v. 19b) – é entronizado (v. 16-19). “Feliz é o povo que sabe aclamar-te”, traduz Alonso-Schökel o estíquio de abertura da seção. Penso para além disso. “Aclamar-te” (verbo + complemento), aí, traduz um substantivo hebraico – $\text{tārû}^{\text{cāh}}$. $\text{tārû}^{\text{cāh}}$ é tanto a “aclamação”, o “grito”, o “canto” do povo (Jó 8,21; 33,26; Sl 27,6; Jr 20,16), eventualmente acompanhada de instrumentos musicas (Sl 33,3; 150,5) como “suono di corno, convocazione sacra”¹² ou militar, seja o som do šōpār (Lv 25,9; Js 6,5,20; Jó 39,25; Sl 47,6; Jr 4,19), seja o das hāšōšrōt (“trombetas” – Nm 10,2-6; 31,6; 2 Cr 13,12). Pode ser utilizado tanto sob regime metonímico (Nm 29,1; 1 Sm 4,5-6; Jr 49,2; Ez 21,27; Am 1,14) quanto, como “grito de multidão”, associado ao som do šōpār e/ou das hāšōšrōt (2 Sm 6,15; 1 Cr 15,28; 2 Cr 15,14; Am 2,2; So 1,16). $\text{tārû}^{\text{cāh}}$ está diretamente relacionado às comemorações da fundação do segundo templo (Ed 3,11-13) e – o que, no contexto do Sl 89, é significativo! – à aclamação da realeza (Nm 23,21). Ora, a seção abre-se com a referência a $\text{tārû}^{\text{cāh}}$ e se fecha com a referência a “rei”.

A seção anterior, v. 14-15, descrevera Yahweh e seu trono celeste. A presente seção, v. 16-19, deve descrever o significado histórico-social de tudo isso – cosmogonia e realeza cosmogônica do deus criador: a pretendida e mágico-simpaticamente evocada perpétua entronização do rei israelita. Há, aí, uma concentração temática na dinastia, mas, nem/até por isso, há reverberações do tema cosmogônico: $\text{ʾašrê hā}^{\text{cām}} \text{yōd}^{\text{cē}} \text{tārû}^{\text{cāh}} \text{yhwh bə}^{\text{ʾōr-pāne}} \text{y}^{\text{kā}} \text{yəhallēk}^{\text{ūn}}$ – “as felicidades do povo é experimentarem¹³ a $\text{tārû}^{\text{cāh}}$, Yahweh – na luz das tuas faces eles caminharão”. O narrador expressa-se a partir da retórica da realeza, e descreve um povo ávido pela entronização do rei (v. 16a), submetendo-se a quem ele caminha como que diante da luz das faces de Yahweh (v. 16b).

¹¹ Cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*, p. 1310, nota 89,10-15.

¹² Cf. Lv 23.24b, em: NUOVISSIMA VERSIONE DELLA BIBBIA. Roma: San Paolo Edizione, 1996.

¹³ “Experimentarem”, cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Dicionário*, [dy, p. 269: “*Experimental, sentir, ter consciência de: equivalência ver Js 24,31 (...)* Quando o objeto é bom, pode valer por *gozar, desfrutar*”.

Dentre todos os benefícios retóricos dessa avidez, os v. 17 e 18 concentram-se no orgulho decorrente da segurança e da proteção que o rei lhes garante, rei que é, para o povo, “nosso escudo” (v. 19a), e que é, efetivamente, forte (v. 18a), “porque de Yahweh é o nosso escudo, e do Santo de Israel, o nosso rei” (v. 19).

Trata-se, com os v. 16-19, da conseqüência – do “coroamento” – das seções anteriores – o louvor da corte cosmogônica de Yahweh (v. 6-8), louvando-o pela maravilha cosmogônica (v. 9-13), sobre a qual se entroniza o forte braço de Yahweh (v. 14-15), sustentando, a seu tempo, seu co-regente, seu rei, “nosso rei”, “nosso escudo” – que de Yahweh é (v. 16-19). Do v. 6 até o v. 19, vai-se do geral para o particular, do mito fundante para a instituição miticamente legitimada – vai-se da cosmogonia de Yahweh para o trono do rei de Yahweh.

As relações internas da terceira seção – v. 20-38

A terceira seção constitui-se na forma de um quiasmo A – X – A’:

A	v. 20-30	juramento ritual e aliança dinástico-cosmogônicos
X	v. 31-35	– hipótese de quebra da aliança por parte da dinastia
A’	v. 36-38	juramento ritual e aliança dinástico-cosmogônicos

O recurso ao quiasmo indica que o centro nervoso da seção encontra-se no v. 31-35 – a “hipótese de quebra da aliança por parte da dinastia”. Em torno da seção central, as molduras superior e inferior entretecem os temas da cosmogonia e da dinastia.

A moldura superior constitui-se dos v. 20-30. O tema hegemônico é a dinastia – mas o tema cosmogônico serve-lhe de fundamento retórico (cf. v. 26 e 30). Abre-se a seção com a referência ao ritual de entronização (cf. os termos “outrora”, “visão”, “os teus leais” [profetas cúlticos] – v. 20a). Yahweh “levanta” um “escolhido” (**bāḥûr**) do meio do povo (v. 20b). É David – símbolo da dinastia (v. 21a). O rei é “ungido” por Yahweh – significa atribuído à unção ritual que de que o rei é objeto (v. 21b). A mão e o braço de Yahweh estarão com ele – verbos “estabelecer” (**kwn**) e “firmar” (**ʿmš** [piel]) (v. 22). Em conseqüência de estar o rei “estabelecido” e “firme”, nem os inimigos não prevalecerão contra ele (v. 23). Yahweh mesmo lutará por ele (v. 24). Porque a fidelidade e a lealdade de Yahweh (cf. v. 2-5!) estarão com o rei (v. 25a), razão pela qual o chifre do rei – seu

“orgulho”, sua “nobreza”, sua “honra” – estará “levantado”. Com tamanha magnificência e pompa, o próprio rei é posto a ensaiar o gesto cosmogônico de Yahweh, que, nos céus, tem, desde o trono, o braço erguido, a mão forte, a destra, levantada – perpétuo domínio sobre *rāhab/yām* (v. 9-13 + 14-15): *wəśamtî bayyām yādô ûbannəhārôt yəmînô* – “sustentarei a mão dele sobre *yām*, e a sua destra, sobre as torrentes” (v. 26). O rei batalha as batalhas de Yahweh – as mesmas. Porque elas constituem, as de Yahweh, hipóstases míticas para as batalhas históricas que o rei, eventualmente, enfrenta. Tem de vencê-las. Disso depende o trono, a cidade, o povo – a criação. O que se promete nos v. 23-25 – vitória sobre os inimigos – evoca-se mágico-simpaticamente no v. 26: a mão do rei sobre o Mar¹⁴. Os inimigos históricos do rei constituem os inimigos primordiais de Yahweh – quando Yahweh os vence, o rei vence os seus. E vice-versa. Em plena batalha, o rei invocará seu Deus-Pai, sua rocha de salvação (v. 27) e, incontinenti, Yahweh lhe dará a vitória sobre todos os reis da terra (v. 28 – bem entendido, sobre aqueles que o enfrentaram e foram derrotados; a perspectiva “universalista” não constitui regime retórico nas cosmogonias tradicionais). Cumprido o seu juramento – vencidos os inimigos do rei –, pode-se renovar os votos de perpetuidade do trono (v. 29): *wəśamtî lā^cad zar^cô wə^cis^oô kîmê šāmāyim* – “manterei para sempre a sua semente, e o seu trono será como os dias dos céus” (v. 30). *Em resumo*, Yahweh escolhe seu ungido (v. 20-21), garante-lhe força e vitória (v. 22-28) e lhe promete a perpetuidade de seu trono (v. 29-30) – a cosmogonia funciona, aí, como fundamento retórico da realeza e da dinastia.

No centro nervoso da seção, assevera-se que, mesmo em caso de “os filhos dele” (*bānāyw*) – isto é, a “semente dele” (*zar^cô*, v. 30), os filhos de “David” (v. 21), numa palavra, a “dinastia” – quebrarem a aliança, ainda assim Yahweh sustentará a dinastia ungida (v. 31-35). A dinastia pode, eventualmente, “deixar a *minha lei*” (*tôrātî*), “não andar nos *meus direitos*” (*mišpāṭay*) (v. 31), “quebrar/violar *meus estatutos*” (*ḥuqqōṭay*) e “não guardar os *meus mandamentos*” (*mišwōṭay*) (v. 32). Nesse caso, serão tratados com varas e açoites (v. 33 – cf. 2 Sm 7,12-14). A dinastia será castigada – mas Yahweh não retirará a sua lealdade e a sua fidelidade de sobre David (v. 34 – cf. v. 2-3 e 2 Sm 7,15). Yahweh não quebrará a sua aliança (v. 35a – cf. v. 4-5) nem mudará o juramento que proclamou (v.

¹⁴ É possível imaginar que a cerimônia de entronização contivesse uma cena em que o rei permanecesse com a destra estendida “sobre” o Mar de Fundição – uma estrutura do templo descrita em 2 Re 7,23 e 2 Cr 4,2 e que “simbolizava” as águas cosmogônicas, as quais, segundo a cosmogonia israelita e próximo-oriental, recebiam dentro de si, pela força do deus criador, os alicerces do orbe.

35b).

A seção A fora aberta por uma partícula adverbial – ʔāz (“outrora”). Do mesmo modo, a seção A’, agora, com ʔaḥaṭ, que, para a passagem, Alonso-Schökel propõe o sentido “de uma vez para sempre”¹⁵ e traduz “uma vez”¹⁶. Essa partícula tanto recupera a memória do juramento dinástico de Yahweh, quanto ratifica a declaração de Yahweh de que assume uma posição unilateral de garantia do trono – mesmo que a dinastia, por sua vez, não assuma seus compromissos decorrentes da aliança. Nesse caso, faz sentido que o salmista e o rei assumam como natural a perpetuidade da dinastia, porque se fiam no juramento de Yahweh, e não no comportamento dos representantes da dinastia. Uma vez que Yahweh “já” (ʔaḥaṭ – v. 36a) pronunciará seu juramento – “outrora” (v. 20-21 + v. 4) –, ambos parecem seguros de que Yahweh não mentiria a David (v. 36b), de modo que “a semente dele” – a dinastia! – “permanecerá para sempre” (v. 37a). O trono do rei dinástico (por Yahweh) juramentado, pode-se estar certo, será como o sol, diante de Yahweh (v. 37b). E, num flagrante da trama de fios cosmogônicos e dinásticos que entrecem mito e política, diz-se de David, do trono de David, da semente de David: *kəyārēḥ yikkôn ʿólām wəʿēḏ baššaḥaq neʾēmān* – “como a lua, ele será perpetuamente estabelecido, e, na nuvem, ele será firmado”. Ora – é “sobre a nuvem” que está instalada a corte celeste de Yahweh (v. 7). É aí também que o trono do rei está firmado. O trono do rei é a imagem do trono de Yahweh. O mundo que Yahweh cria, o mundo que o rei cria. A cosmogonia da divindade, a cidade do rei. Não restam mais dúvidas – não há possibilidade de quebra da dinastia.

As relações internas da quarta seção – v. 39-46

A quarta seção introduz a razão de ser de todo Sl 89. Yahweh, intransitivamente, “rejeitou” (znḥ) e “repudiou” (mʔs) (v. 39a). Indignou-se contra o ungido que escolhera (v. 39b) – “rejeitou” (nʔr) a aliança com o seu servo, a aliança dinástica (v. 40a – cf. v. 4), e, quanto à coroa que pusera na cabeça de seu ungido, “quebrou-a”/“profanou-a” (ḥll) na terra (v. 40b), como fizera com *rāhab* (v. 11). “Quebrar” *rāhab* fora a cosmogonia, a “criação”. Quebrar a coroa do rei é seu contrário – é a *descriação*. Com efeito, a cidade do rei é a criação – mas, agora, derrubaram as suas muralhas, e as suas fortificações estão mantidas como ruínas (v. 41). Qualquer um que passa, saqueia (v. 42a). Qualquer um que

¹⁵ Cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 40.

¹⁶ Cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*, p. 1312.

passa, escarnece (v. 42b). É a destra dos inimigos do rei – e não a do seu próprio ungido! – que Yahweh levanta (v. 43a). São eles que se regozijam (v. 43b). Assim, a espada do rei está tão enfraquecida que se dobra sob o golpe da dos inimigos (v. 44a) – o próprio rei não tem mais forças (v. 44b). O rei foi destituído de sua magnificência – seu trono foi derrubado no chão (v. 45). Sua vida encontra-se ameaçada (v. 46a). O rei está coberto de vergonha (v. 46b).

A crise – a catástrofe – descrita na quarta seção do salmo é a queda do trono e da coroa¹⁷. O rei ainda está vivo. Mas humilhado, ultrajado. Até ontem levantadas as suas mãos, sob a “lealdade” e a “fidelidade” de Yahweh, ele sentia-se e era maior do que todos os reis da terra – tinha a mão sobre o Mar: sustentava a criação! Mas, agora, suas muralhas foram todas derrubadas, e estão lá, ainda, arruinadas. Tragédia.

As relações internas da quinta seção – v. 47-52

O salmo começara com o louvor do rei (v. 2). É concluído com sua súplica: “até quando, Yahweh, esconder-te-ás?” (v. 47a). O tempo da vergonha parece longo. De fato, insiste-se nisso: “perpetuamente, queimará como fogo a tua ira?” (v. 47b). O rei parece não ter mais muito tempo – Yahweh parece ter-se esquecido dele (v. 48a). E é tanto o tempo de abandono que ameaça cair em descrédito o fundamento mítico de todos os fundamentos míticos, justamente aquele que afirma que o conjunto da realeza constitui, a um só tempo, instituição de Yahweh e fundamento da criação: ‘al-ma^h-ššāw^ʔ bārā^ʔtā kol-bənê-ʔādām – “sobre que mentira criaste todos os bənê-ʔādām?” (v. 48b).

Enquanto termo e conceito, bənê-ʔādām, a seu tempo e modo, é o equivalente monárquico dos bənê-ʔēlīm celestiais (v. 7b). O salmo não se abre para uma extemporânea e helênico-teológica “universalidade” da criação. Como, com bənê-ʔēlīm, no v. 7b, estava-se diante da corte celeste do rei cosmogônico, com bənê-ʔādām, no v. 48b, não se moveu um passo para além da dinastia. Passagens como Dt 32,8; 2 Sm 7,14; Sl 11,4; 14:2 (= 53,3); 49,3 (cf. 62,10); 58,2; 66,5; 146,3 [no singular] – isso se não já todas as ocorrências da fórmula – informam que a expressão bənê-ʔādām refere-se à corte real – ao rei, aos príncipes, e de resto, ao conjunto político-social relacionado à realeza. Estar a coroa, assim, como está, quebrada, partida, é contra toda a expectativa do mito dinástico-cosmogônico –

¹⁷ Cf. MOWINCKEL, *The Psalms In Israel's Worship*, p. 48.

o rei é o fundamento da criação! Como pode faltar? Nos termos do mito dinástico-cosmogônico operado pela realeza, os *bānê-ʾādām* foram “criados” (*brʾ*) como fundamento da própria “criação” – a cidade, o rei, o povo. Como é possível, então, que o rei esteja coberto de vergonha, e as suas muralhas, derrubadas? E há tanto tempo? Tudo não passara de uma grande mentira? Sim, porque o “valente” (*gēber*), por mais valente que seja, tem desde sempre um encontro marcado com a morte (v. 49a). Se um dia, tendo sido colocada sobre ele a ajuda de Yahweh, o rei personificara a figura do “herói” (*gibbôr* – cf. v. 20), agora, que Yahweh o abandonou – e há tanto tempo! – como poderá livrar a sua garganta da mão (“das garras”¹⁸) do Sheol? O rei está mais do que coberto de vergonha (cf. v. 46b). O rei está às portas da morte.

Mas – como é possível? E a “criação”? E as “antigas lealdades” de Yahweh (v. 50a)? E o juramento de Yahweh, que Yahweh jurou na sua fidelidade (v. 50b) – ele é falso? O rei está cansado. Restam-lhe apenas poucas forças, com as quais ele suplica a Adonay que “lembre-se”. Mas – do quê? Segundo Alonso-Schökel: “olha, Dono meu, a afronta dos teus servos, o que tenho de agüentar de todos os povos”¹⁹. Segundo a TEB: “Senhor! pensa em teus servos ultrajados, em todo este povo sob meu encargo”²⁰. Alonso-Schökel pensa numa cena que, segundo ele, remontaria a 2 Sm 16,5-13, “como se uma multidão se juntasse atrás do rei e lhe lançasse insultos”. Isso faria dos v. 51 e 52 a expressão do mesmo argumento – o rei sofre a afronta dos povos. Para a TEB, contudo, os v. 50-52 constituiriam uma *peroratio* que dá conta de duas situações – a queda incompreensível e paradoxal da coroa (v. 50 e 52) e, não obstante, a sobrevivência de um enorme contingente de pessoas a quem o rei tem o dever de, ainda, prestar auxílio:

A ^{50a}Senhor! onde estão as tuas bondades de outrora?

^{50b}Juraras a David por tua fidelidade!

X ^{51a}Senhor! pensa em teus servos ultrajados,

^{51b}Em todo esse povo sob meu encargo.

A’ ^{52a}Teus inimigos o ultrajaram, Senhor!

^{52b}cuspidindo nos passos do teu messias.

Se for seguida a tradução da TEB, os v. 50 e 52 funcionariam como molduras de um

¹⁸ Cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*, p. 1313.

¹⁹ Idem.

²⁰ Cf. TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA – TEB. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1995.

centro nervoso, o qual, por sua vez, apela para a misericórdia – e à memória – de Yahweh, em face do fato de que o rei, ultrajado, não tem (mais) como cuidar, como devia, do povo a seu encargo. As molduras, nesse caso, reforçam a *peroratio* afetiva, reforçando o ultraje a que o rei, ungido de Yahweh, está submetido (v. 52), situação que contradiz, em todos os sentidos, as “antigas bondades” (“lealdades” – ainda mais forte) de Yahweh, consubstanciadas na forma do juramento dinástico-cosmogônico que, agora, ameaça romper-se definitivamente.

Não é fácil decidir entre o “modelo” Alonso-Schökel e o “modelo” TEB. Tudo depende de como se interprete o estíquio 51b. A TEB interpreta a expressão $\acute{s}\acute{o}^{\prime}\acute{e}\acute{t}\acute{i} \text{ } \text{b}\text{h}\text{h}\text{e}\text{q}\text{i}$ kol-rabbîm $\acute{c}\text{a}\text{m}\text{m}\text{i}\text{m}$ no sentido de o rei ter sobre seu encargo o seu povo. Pode-se homologar essa interpretação através de Nm 11,11-15. Moisés reclama com Yahweh por este lhe ter posto sobre as costas um peso – o povo. Os termos são equivalentes. Lá, “a totalidade deste povo” (kol-hā $\acute{c}\text{a}\text{m}$ haze – Nm 11,11.12.13.14) – aqui, “a totalidade de numerosos povos” (kol-rabbîm $\acute{c}\text{a}\text{m}\text{m}\text{i}\text{m}$). Lá, Moisés alega que Yahweh lhe dissera “carrega em teu colo” ($\acute{s}\acute{a}^{\prime}\acute{e}\text{h}\text{u} \text{ } \text{b}\text{h}\text{h}\text{e}\text{q}\text{e}\text{k}\text{a}$ – Nm 11,12), expressão que, no Sl 89,51b, o rei aplicaria a si mesmo: “carrego no meu colo” ($\acute{s}\acute{o}^{\prime}\acute{e}\text{t}\acute{i} \text{ } \text{b}\text{h}\text{h}\text{e}\text{q}\text{i}$). A diferença entre Nm 11,11-15 e Sl 89,51 ficaria por conta do fato irônico de que, desalentado do encargo, Moisés pede a morte (v. 15), ao passo que o rei, como que tomado por um grave surto de consciência de responsabilidade “pastoral”, angustia-se com a proximidade dela (cf. V. 48-49) e o conseqüente abandono de seus “cordeirinhos”.

Imagem a que se pode recorrer, ainda, na tentativa de ratificar a interpretação da TEB – a imagem de Yahweh, como pastor, recolhendo os cordeirinhos no colo: $\text{k}\text{a}\text{r}\text{o}^{\prime}\text{e}\text{h} \text{ } \acute{c}\text{e}\text{d}\text{r}\text{o} \text{ } \text{y}\text{i}\text{r}^{\prime}\text{e}\text{h} \text{ } \text{b}\text{i}\text{z}\text{r}\text{o}^{\prime}\text{o} \text{ } \text{y}\text{a}\text{q}\text{a}\text{b}\text{b}\text{e}\text{s} \text{ } \text{t}\text{a}\text{l}\text{a}^{\prime}\text{i}\text{m} \text{ } \text{u}\text{b}\text{h}\text{h}\text{e}\text{q}\text{o}$ – “como pastor, ele pastoreará o seu rebanho; com o seu braço, recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu colo” (cf. Is 40,11). Yahweh é, aí, aquele que tem o domínio (mšl – v. 10) e, a partir do v. 12, entra-se numa seção carregada do “motivo” cosmogônico. No Sl 89, Yahweh é igualmente descrito nesses termos – domínio (mšl – v. 10a) e majestade cosmogônicas. Lá, Yahweh incorpora a transignificação político-retórica rei-pastor, o que lhe confere o mister do cuidado de carregar os cordeirinhos no colo. No mesmo sentido, o rei pode estar retrucando, em sua súplica – Yahweh, lembra-te de meu encargo: carregar no colo essa gente toda.

Se a TEB acerta, e, seguindo-a, caminha-se bem na interpretação dos v. 50-52, o último recurso da *peroratio* do rei é apelar para a necessidade que o povo tem de um “pastor” – logo, de um rei. Com efeito, aí também se faz sentir a catástrofe da criação. Nos termos da tradição dinástico-cosmogônica, sem a cidade, sem o rei, não há “povo”. O Sl 102,17.19 está muito bem informado disso. Ainda que Yahweh seja rei (v. 13), Jerusalém encontra-se em ruínas (v. 15). O salmista argumenta que é chegada a hora de Yahweh levantar-se e reconstruir Jerusalém (v. 14). Na seqüência, argumenta-se que, tendo Yahweh reconstruído Sião (v. 17a), então o povo criado (*nibrāʾ*) o louvará. Ora, não se pretende fazer crer que as pessoas que compõem o “povo” serão criadas, mas que a reconstrução de Sião “cria” o povo, porque o conceito de “povo” está ligado à cosmogonia – sem cidade, sem povo, sem criação. Com a reconstrução de Sião, a “criação” volta a emergir das águas, e o povo como que vem à tona.

No Sl 89,39-52, a criação desabou. Pode-se, apenas, esperar – mas até quando? Na quarta seção (v. 39-46), o trono e a coroa, derrubados no chão, representam a face histórico-social do mito – a *descriação*, a catástrofe, a tragédia. Coisa terrível – para o rei e para o povo. Na quinta e última seção, o tempo vai passando irremediavelmente, o rei sente a mão da morte a apertar-lhe a garganta, seu tempo chegando ao fim. Há, contudo, um povo enorme a ser cuidado – e cabe ao Rei-Pastor cuidar dele. Mas, se o rei sente o vento frio da morte a soprar-lhe as faces, quem haverá de cuidar dos cordeirinhos?

Aqui deve residir toda a questão – a demanda histórico-social que responde pela redação do Sl 89 – a dinastia vai ser quebrada! Pior do que a queda do trono e da coroa, é a queda do próprio juramento de Yahweh quanto à perpetuidade da “semente”: “Onde estão as tuas antigas lealdades, Adonay – que juraste a David na tua fidelidade?” (v. 50). Ora, essa desesperada pergunta articula-se diretamente com o juramento de Yahweh: “sim, eu disse: ‘perpetuamente a lealdade está construída – os céus, estabeleceste a tua fidelidade neles’. ‘Cortei uma aliança com o meu escolhido, jurei a David, meu servo: para sempre estabelecerei a tua semente, e construirei de geração em geração o teu trono’” (v. 3-5). Nos v. 2-5 – louvor. Nos v. 47-52 – desalento e súplica. E, sobretudo, uma terrível expectativa da morte e da quebra da dinastia. O que deve significar, para todos os fins, que o rei não tem herdeiros. A sua semente, que Yahweh jurara, manter-se-ia perpetuamente no trono, não existe. Não nasceu? Nasceu – mas morreu? Seja como for, contra tudo o que o mito dissera ter Yahweh dito e jurado, no chão, trono e coroa, ali na frente, a morte, e, a

semente, cadê?

Relações terminológicas e temáticas interseccionais

ḥesed, ʔēmûnā^h e ʕôlām

No Sl 89, termos e temas-chave estruturam todo o discurso. Já de início chama a atenção os termos “lealdade” (*ḥesed*) e “fidelidade” (*ʔēmûnā^h*). Cada um deles ocorre sete vezes – *ḥesed*, v. 2.3.15.25.29.34.50, e *ʔēmûnā^h*, v. 2.3.6.9.25.34.50, ambos, sempre, relacionados ao mito dinástico-cosmogônico e expressando o caráter inexorável da instituição real. O trono e a dinastia são perpétuos (v. 2, 3, 25 [*ḥesed* + v. 29]), ainda que a dinastia quebre a aliança (v. 34). E, no entanto, porque a dinastia encontra-se em risco de interromper-se, o que revela – paradoxo! – a suspensão da *ḥesed* e da *ʔēmûnā^h* de Yahweh, o rei quer saber “onde estão as tuas antigas lealdades, Adonay – que juraste a David na tua fidelidade?” (v. 50).

Uma vez que dinastia e cosmogonia constituem elementos do mesmo conjunto, *ʔēmûnā^h* aplica-se, igualmente, à “criação” (v. 6, 9). No v. 6, *ʔēmûnā^h* é empregado como sinônimo de *pele^ʔ* (“maravilha”), referindo-se, ambos, à “criação”. O trono celeste de Yahweh, desde onde a “criação” é sustentada, é guardado por *ḥesed* – v. 15, aí se fazendo representar por uma figura fantástica. Em resumo, é pela força da “lealdade” e da “fidelidade” de Yahweh que seu próprio trono está construído sobre a “maravilha” cosmogônica, dentro da qual, como seu fundamento, está firmado e confirmado o trono de David. Cosmogonia e dinastia são intercambiantes, intercomunicáveis, interdependentes. *ḥesed* e *ʔēmûnā^h* são a sua garantia.

Até quando? A pergunta suscita outra seqüência terminológica em número de sete ocorrências – advérbios e locuções adverbiais de tempo que expressam o sentido de perpetuidade (*ʕôlām* e construções, seis vezes: v. 2.3.5.29.37.38, e *lā^{ʕad}*, v. 30). Na primeira seção do salmo (v. 2,3 e 5), estabelecem relações indissociáveis com *ḥesed* e *ʔēmûnā^h*. A lealdade e a fidelidade de Yahweh são perpétuas, o que se traduz na perpetuidade da dinastia (v. 29 e 30), porque, para sempre, dinastia e “criação” estarão diante de Yahweh (v. 37 e 38).

O tema da perpetuidade deixa de ser mencionado a partir do v. 39. É compreensível. Seguem-se as duas seções nevrálgicas do salmo – a quebra da coroa e do trono (v. 39-46) e a iminente quebra da dinastia (v. 47-52). Aqui, o rei ainda apela para a “lealdade” e a “fidelidade” de Yahweh, mas a própria situação de catástrofe e desalento em que ele se encontra parece inspirar-lhe severas dúvidas sobre o prazo de validade do juramento (v. 50). O tempo escoá. O rei tem a mão da morte em sua garganta.

Nesses termos, então, é possível propor um esboço geral para a estrutura do Sl 89:

A	Louvor real – perpetuidade da dinastia	(v. 2-5)	Criação e dinastia
B	Cosmogonia e entronamento	(v. 6-19)	Criação
X	Dinastia davídica e cosmogonia	(v. 20-38)	Dinastia
A'	Destronamento e cosmogonia	(v. 39-46)	Descrição
B'	Súplica real – quebra da dinastia	(v. 47-52)	Criação e dinastia

No centro da estrutura, a longa seção – rememoração do ritual e do significado do ritual de entronamento: o trono do rei dinástico representa, sobre o orbe, o trono do Poder Cosmogônico, sobre a nuvem, e encerra a mesma potência mítica: a manutenção da cosmogonia. Lealdade e Fidelidade juram a David a perpetuidade de sua semente.

As molduras internas, B e B', equivalem-se tematicamente. B trata do entronamento como fundamento da cosmogonia, ao passo que B' descreve, justamente, o fenômeno inverso – o destronamento, o descoroamento, a catástrofe, a descrição, a anti-cosmogonia.

As molduras externas, A e A', também são tematicamente, também terminologicamente, equivalentes. Em A, louvor real – em A', súplica e desalento. Em A, lealdade e fidelidade de Yahweh, o juramento divino da perpetuidade da dinastia. Em A', o inesperado, o trágico – deslealdade, infidelidade, quebra da aliança, perjúrio? O rei está corroído de dúvidas e angústias. O que ele tem de certo, contudo, é a morte, a mão dela a comprimir-lhe a garganta – e, desalento dos desalentos, ele está só. Para o Sheol não será levado apenas o rei – mas, definitivamente, “as antigas lealdades” que Adonay, na sua “fidelidade”, jurara a David (v. 50).

Termos acessórios do motivo cosmogonia → dinastia

A. O termo **ḥərîṭ** é empregado quatro vezes no Sl 89 – v. 4, 29, 35 e 40. A série de ocorrências encarna a própria história da queda da coroa, articulando-se, a cada vez, com um verbo específico. Na seção A, o rei, louvando, recorda-se da aliança que Yahweh “cortou” (**krt**) com seu servo, David (v. 4 – aliança e juramento). No centro do quiasmo, Yahweh assegura ao rei que a aliança será perpetuamente “confirmada” (**ʔmn** – v. 29), e que, ainda que a dinastia o faça, ele, Yahweh, não a quebrará (**ḥll** – v. 35 – aliança e juramento). Apesar disso, nos termos em que o descreve a seção B’, Yahweh “rejeita” (**nʔr**) a aliança – trono e coroa são lançados por terra.

B. A perpétua “confirmação” da **ḥərîṭ** de Yahweh com o rei davídico associa-se ao conjunto dos verbos transsignificativos e intercambiáveis – “estabelecer” (**kwn** – v. 3.5.22.38 – no v. 15, substantivo), “construir” (**bnh** – v. 3.5), “alicerçar” (**ysd** – v. 12), “firmar” (**ʔmš** – v. 22), “criar” (**brʔ** – v. 48). A fidelidade de Yahweh está “estabelecida” nos céus (v. 3). Lá, “construída” está a sua fidelidade (v. 3). A semente de David será “estabelecida” para sempre (v. 5). O seu trono será “construído” de geração em geração (v. 5). A mão de Yahweh estará “estabelecida” (v. 22). O próprio rei será “estabelecido” nos céus, como a lua (v. 38). Os fundamentos do orbe foram “alicerçados” (nas águas cosmogônicas) por Yahweh (v. 12). O rei será “firmado” pelo braço de Yahweh (v. 22). Os **bənê-ʔādām** foram “criados” por Yahweh (v. 48). Ora, todos esses são verbos que transmitem, sobretudo, a idéia concreta de “construir”, “pôr fundamentos”, “alicerces”, idéia que está mais clara na informação do v. 5 (“construção” do trono – ainda que, mesmo aí, se esteja diante de uma metáfora para a transsignificação da perpetuidade da dinastia) e do v. 12 (Yahweh pôs os alicerces – “alicerçou” – do orbe nas águas cosmogônicas). Naturalmente – porque “construção de cidade” e “cosmogonia” são a “cara” e a “coroa” de uma mesma moeda histórico-mitológica. Com essa chave hermenêutica, podem-se abrir as outras portas. A fidelidade de Yahweh, nos céus, a semente de David, no orbe, os **bənê-ʔādām**, no trono são, todas, expressões que remetem à relação cosmogonia/construção, de modo que o significado político-social que carregam deixa-se exprimir por meio do mito cosmogônico, construindo, semanticamente, uma rede de transsignificação terminológico-temática – cosmogonia/construção/monarquia. Alonso-Schökel está atento à presença do

“tema da construção” no Sl 89²¹. Mas, ainda que, pertinentemente, mencione o *Enuma elish* (cosmogonia e construção de templo) e 2 Sm 7 (construção de casa-templo *versus* construção de casa-dinastia), pensa-se, todavia, que o “orante quer cantar a fidelidade e a lealdade de Deus para sempre: a garantia é que tal virtude foi ‘fabricada’ no céu e, como virtude celeste, poderá transferir-se para a terra e agir nela”. Ora, o “orante” – seja o rei, seja o salmista – sabe que a “lealdade” e a “fidelidade” frustraram-se (A x A). A chave hermenêutica, aí, é mais cultural do que uma simbologia analógico-metafórica – ela está relacionada às informações fenomenológico-religiosas que dão conta do regime mítico-traditivo com que as sociedades próximo-orientais operam a legitimação político-religiosa de suas instituições, particularmente, a realeza – o motivo “construção” inter-transignifica os temas cosmogonia (“criação/construção” do “mundo/cidade”) e dinastia.

C. Neste sentido, o verbo *hll* joga muito bem esse jogo. Ele é empregado quatro vezes – v. 11, 32, 35 e 40. Yahweh “quebrou/esmagou” o dragão cosmogônico, *rāhab* (v. 11). Disso, miticamente falando, resultaram a cosmogonia, a realeza celeste de Yahweh, a dinastia davídica e seus compromissos com o rei cosmogônico. Tais compromissos poderiam, eventualmente, ser “quebrados/violados” (v. 32) pela dinastia, mas, ainda assim, Yahweh não “quebraria” (v. 35) a aliança que ele cortara com David. E, no entanto, contra a força do seu juramento, Yahweh “quebrou” (v. 40) a coroa do rei e a lançou na terra.

Conclusão

A leitura do Sl 89 transporta o leitor para o coração mítico-político da tradição monárquica israelita/judaíta e próximo-oriental – a relação inter-transsignificante cosmogonia → dinastia. O mito cria a plataforma operacional da cultura, e é dentro e a partir dele que as relações humanas se atualizam. Segundo o mito cosmogônico expresso no Sl 89, Yahweh “construiu/criou” o mundo depois de “quebrar/esmagar” o dragão cosmogônico *rāhab*. Ato contínuo, constrói/estabelece seu trono sobre a nuvem, e, desde aí, constrói/cria a dinastia davídica que, sob a mão de Yahweh, funda e sustenta a criação. O entronamento do rei implica no juramento de Yahweh – a dinastia adentrará, perpetuamente, os séculos, mercê da lealdade e da fidelidade de Yahweh em assegurar a manutenção inabalável de sua aliança dinástico-cosmogônica com o rei.

No presente narrativo, contudo, uma catástrofe abateu-se sobre a cosmogonia – o

²¹ Cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*, p. 1309, nota.

trono caiu, a coroa, quebraram-na, o rei foi ultrajado. Os fundamentos da criação foram transtornados. E a mais tempo do que se poderia esperar. O rei sente o hálito da morte – expressamente, a mão dela na sua garganta. Tem poucos dias. E nenhuma semente. Transtornada que fora pela quebra da coroa, significa a definitiva imersão da criação nas águas cosmogônicas – para nunca mais sair de dentro delas. É o fim. O derradeiro fim. Yahweh, Yahweh – “onde estão as tuas antigas lealdades (...) – que juraste a David na tua fidelidade?”.

Referências Bibliográficas

- ALONSO-SCHÖKEL, Luís. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus: 2002.
- ALONSO-SCHÖKEL, Luís. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ANDERSON, Bernhard W. e BISHOP, Steven. *Out of the depths: The Psalms Speak for Us Today*. 3 ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa – introdução à Fenomenologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. Lisboa: 70, 1989.
- HEESTERMAN, J. C. *The Ancient Indian Royal Consecration. The Rājasūya Described According to the Yajus Texts and Annotated*. The Hague: Mouton & Co., 1957.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- KEEL, Othmar. *The Symbolism of the Biblical World: Ancient Near Eastern Iconography and the Book of Psalms*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1997.
- MARTTILA, Marko. *Collective Reinterpretation in the Psalms*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006.
- MOWINCKEL, Sigmund. *The Psalms In Israel's Worship*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2004.
- RESTER, Aaron. *Playing With Tradition: Sacrifice, Ritual, and the Mahabharata's Dice Game*. 2001 (<http://www.aaronrester.net/writings/mahabharatagameCCL.pdf>).

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Como que pelos chifres: o vento na criação, segundo Pr 30,4, *Fragmentos de Cultura* 15.9 (2005): 1371-1383.

TERRIEN, Samuel L. *The Psalms: Strophic Structure and Theological Commentary*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2003.